

## RELATO DE UMA EXPULSÃO; OU QUANDO A PSICANÁLISE SILENCIOU

Cláudia de Almeida Gallo\*

### Uma breve história do texto

Bertold Brecht dizia, que a última e a maior dificuldade para dizer a verdade, era exatamente fazer chegá-la a quem dela mais precisa. Portanto não basta uma boa análise. É preciso que esta seja expressa, que encontre meios para chegar a quem importa, à maioria.

Essa é a razão de apresentar este relato. Espero que as palavras ressoem produzindo reflexões sobre em que medida essa história passada em um tempo não tão distante assim, assemelha-se ou não as nossas atuais circunstâncias. O quê podemos aprender com nossos antepassados, seus erros e acertos, seus equívocos e correções de rumo, com o objetivo de nos ajudar a trabalhar em tempos sombrios.

Devo dizer também que se trata de um tributo pessoal à Wilhelm Reich, autor que me ensinou através de seus escritos e de sua prática, talvez a mais importante lição que até hoje me acompanha em minha trajetória como analista. A de que toda clínica é política.

Política no sentido de que sempre estamos a produzir efeitos quando a praticamos ou teorizamos, efeitos que põe em xeque noções como a neutralidade, na medida em que todos nós somos constituídos pelas forças ideológicas e políticas de um determinado tempo histórico, somos marcados pela cultura do mesmo modo que os corpos teóricos aos quais aderimos e que norteiam nossas práticas também o são.

### A clínica como política

Reich foi um pensador da primeira metade do século XX que teve sua produção teórica e sua práxis profundamente marcadas pelas mudanças que o mundo atravessava, especialmente o ocidente e particularmente a Europa. O surgimento e fortalecimento de movimentos sociais, a efervescência no plano político, estados totalitários em formação. Esse cenário associado ao vigor do pensamento de uma nova área do conhecimento, a Psicanálise, deram a ele as bases para criar suas próprias teses.

Ainda em seus anos de estudante de medicina Reich aproxima-se da Sociedade Psicanalítica de Viena, e será em seu seio, como membro, que ele desenvolverá suas teses teóricas e apresentará o resultado de suas pesquisas e práticas clínicas.

Duas experiências serão determinantes em sua trajetória. Em 1922 iniciará seu trabalho no Dispensário de Viena, local onde atendia cidadãos dos mais diversos níveis sociais e econômicos, esse contato o alertaria para o papel

central da genitalidade na teoria das neuroses, o fez apontar para as raízes sociais das neuroses e principalmente para construir sua crítica radical à estrutura social que lhes serve de apoio. Dois anos depois em 1924, começa a dirigir o Seminário sobre a técnica em Viena, onde ao lado de seus colegas psicanalistas desenvolverá um corpo de procedimentos comuns para o exercício da clínica, importante posto porque ali eram discutidas as questões centrais da técnica no tratamento e também a formação dos psicanalistas. Essas experiências serão o ponto de partida para a construção da sua teoria do caráter, que culminará no livro *Análise do caráter*, publicado em 1934.

Em 1927, depois de um levante dos operários em Viena, Reich engaja-se definitivamente na política. Filia-se ao Partido Socialista e funda um ano depois a Sociedade Socialista para Orientação e Pesquisa Sexual, que tinha como meta realizar trabalhos de esclarecimento entre jovens, mulheres e operários. Esses trabalhos fundamentavam-se nas descobertas freudianas da sexualidade infantil, seus impactos na puberdade, os efeitos da repressão, os sintomas decorrentes da insatisfação sexual.

No final dessa mesma década, Reich irá à antiga União Soviética para defender a psicanálise em uma discussão realizada dentro do partido por comunistas ortodoxos, que a viam como uma ideologia burguesa, que deveria ser afastada e repudiada. No início de 1930, ele então ingressou no Partido Comunista e ao final desse mesmo ano informou Freud que se mudaria para Berlim, nesta cidade as lutas entre os socialistas e fascistas eram especialmente acirradas e ele acreditava poder contribuir de maneira mais contundente caso lá estivesse. Naquela ocasião, Freud fez questão de afirmar seu apreço pessoal e admiração pelos trabalhos realizados, mantendo inclusive seus postos de trabalho em Viena.

Ao mudar-se para Berlim, Reich filia-se ao PC Alemão, participando de suas atividades dirigidas aos operários, trabalhos de esclarecimento e orientação sexual. Começa também suas atividades na Sociedade Psicanalítica Alemã e será no final de 1931 que, ao proferir sua palestra inaugural intitulada "A economia sexual do caráter masoquista", instaura-se o ponto de partida da controvérsia com Freud que terminaria com sua exclusão das organizações psicanalíticas.

Nesse artigo, ele contestou a teoria da pulsão de morte formulada e defendida por Freud a partir de 1920. Reportando-se à primeira teoria pulsional e cultural freudiana, com a qual concordava tanto na perspectiva teórico-clínica quanto político-prática, ele objetou que ao postular a existência de uma força destrutiva intrínseca aos seres humanos produtora per si de sofrimento, Freud desviou o cerne do conflito que se encontrava entre a expressão do desejo sexual e sua repressão pela sociedade, para o mundo interno do sujeito, desta

forma retirando da psicanálise a força contestadora, política por excelência, que a caracterizava.

Cito: “O sofrimento vem da sociedade, e temos toda razão de perguntar por que ela produz sofrimento, quem está interessado em que ela o faça... Os fatos de nossa vida cultural que se parecem com autodestruição, na verdade não são fenômenos de ‘pulsões de auto-aniquilamento’ e, sim, de intenções destrutivas bem reais de uma camada da sociedade de direito privado interessada na repressão da vida sexual”.

Não se trata, neste artigo, de enveredar numa discussão teórica sobre a pulsão de morte. Muitos já o fizeram, e poucos tiveram êxito em contestá-la, essa postulação é o resultado de um árduo trabalho de Freud e tem enorme relevância para sustentar a coerência interna de sua teoria, que tem como pedra basilar a noção de conflito.

O que importa enfatizar nesse momento são dois aspectos: Primeiro, as fortes impressões marxistas nas formulações reichianas, pois o envolvimento de Reich nos movimentos sociais e sua militância no partido comunista o ligavam profundamente à obra de Marx. Segundo, sua decepção com a psicanálise, que se afastava daquilo que aos olhos de Reich seria sua primeira vocação. Tratar os sofrimentos humanos dentro de uma perspectiva que não separava o homem de seu meio, ao contrário, o incluiria cada vez mais, fornecendo a esse homem conhecimento das causas de suas dores, localizando-as no embate entre suas pulsões à espera de realização e o meio social, patriarcal, autoritário e repressor que o educava para aquiescer, para manter-se cordato e conformado com sua condição.

Pouco tempo depois dessa palestra Freud pedirá providências contra ele. Havia a intenção, como era habitual, de publicar esta comunicação na Revista Internacional de Psicanálise, que na época era dirigida por Otto Fenichel. Em uma carta ao presidente da Sociedade de Berlim, Max Eitingon, ele dirá que ambos, Reich e Fenichel, estavam pretendendo abusar das revistas psicanalíticas para fazer propaganda de idéias comunistas, e que o artigo seria publicado com a condição de vir acompanhado de uma nota de censura. Fenichel foi destituído de sua função e essa situação teve como consequência uma maior aproximação e posterior fundação de um grupo de psicanalistas de orientação marxista dentro da Sociedade Internacional.

### **A Psicologia de Massas do Fascismo**

Em junho de 1932, meio ano antes da tomada do poder por Hitler na Alemanha, Reich falará mais uma vez no Instituto de Berlim, o título desse trabalho foi: “Problemas de psicologia de massas dentro da crise econômica”. Nesse relato estavam presentes as formulações que serviram de base para seu livro seguinte, *Psicologia de Massas do Fascismo*, publicado em 1933. Observando

o crescente movimento nacional-socialista alemão e utilizando as ferramentas de análise subjetiva das motivações individuais e coletivas oferecidas pela psicanálise, afirma que, nem a crise econômica, nem a personalidade de Hitler, ofereciam elementos suficientes para entender o sucesso da propaganda nazista junto às massas. Cito: “Um líder só entra na história quando a estrutura de uma personalidade de liderança encontra eco nas estruturas individuais de massa de grupos amplos”.

O medo da liberdade e o desejo de ter um líder autoritário que justifique ideologicamente a expressão e realização de impulsos destrutivos, na medida em que esses impulsos dirijam-se contra inimigos, do estado ou do povo, não foram criação de Hitler ou do nazismo. E sim, o retorno de uma manifestação humana, sempre disponível, quando as condições sociais, criadas e mantidas por estruturas de personalidade deformadas pela excessiva repressão de seus impulsos sexuais e agressivos, instrumentalizam politicamente esses impulsos, dirigindo-os contra as minorias.

Iguns famosos psicanalistas da época, como Erich Fromm, por exemplo, reconheceram nesse texto uma importante contribuição e avanço aos estudos freudianos da psicologia de massas. E também, os próprios nazistas, que reconheceram em Reich o representante de uma psicanálise ligada ao marxismo e que procurava fomentar a rebelião entre os jovens, tentando seduzi-los, apelando para “seus instintos mais baixos, tentando corromper neles o senso de moral, decência e autodomínio”. (trecho de jornal alemão, 03/1933).

A ameaça pairava no ar, para evitar a proibição da psicanálise no estado nazista, era necessário distanciar-se de Reich, ou dessa “porcaria judeu-marxista” (jargão nazista) que ameaçava a psicanálise como um todo.

Com a ascensão dos nazistas ao poder, o presidente da Sociedade Alemã, Max Eitingon, assumiu para si a tarefa de afastá-lo, inicialmente solicitando que ele não mais comparecesse às instalações da Sociedade para evitar constrangimentos, caso viesse a ser preso nas dependências da mesma. Reich, então, foge para Viena, procurando apoio de seus antigos companheiros, imaginando inclusive, obter o apoio de Freud. Porém, nada disso ocorreu. Freud exigiu seu afastamento, alegando motivos científicos.

O afastamento ocorreu em duas etapas. No verão de 1933, foi excluído da Sociedade Alemã e no verão seguinte no XIII Congresso Psicanalítico Internacional em Lucerna, foi oficialmente excluído. Fenichel registrou os motivos apresentados: “não foram condenadas nem as convicções divergentes em relação a Freud, nem as convicções políticas de Reich, o que houve foi um distanciamento da reivindicação de Reich de que os psicanalistas deveriam defender com absoluta necessidade uma certa atividade política em decorrência de sua ciência”.

Sinal devidamente enviado para os novos mandatários alemães para evitar a proibição da psicanálise no estado nazista. Em um memorando publicado em 22 de outubro de 1933, no Reichswart, jornal anti-semita, sob o título “Psicanálise e Ideologia” apresentou-se a Psicanálise como uma ciência politicamente neutra que podia ser útil a qualquer estado, um instrumento terapêutico útil ao estado nazista, já que por meio dela ‘fracotes imprestáveis deviam ser transformados em pessoas preparadas para a vida’. Esta foi a mais importante contribuição ao processo de alinhamento com o estado nazista. Tinham conhecimento, Jones, presidente da Internacional e Anna Freud.

Em fins de 1938, num congresso em Bad Nauheim, Kurt Gauger, dirigiu-se a seus colegas psicanalistas trajando seu uniforme da SS e disse: “A disciplina mais política entre todas as disciplinas é a psicoterapia”. Que ironia! A partir de então a psicanálise poderia contribuir decisivamente para uma psicoterapia alemã e sua Sociedade teria definitivamente um rosto alemão. Os psicanalistas judeus renunciaram “espontaneamente” a suas filiações à Sociedade Alemã, condição para que a Sociedade ingressasse no Instituto Alemão de Pesquisa Psicológica e Psicoterapia, no entanto esta sociedade continuou filiada à Internacional.

## **Conclusão**

Introduzir a política na psicanálise. Esse foi um dos objetivos de Reich quando entendeu o alcance do impacto e da influência das dimensões materiais na vida dos indivíduos. Introduzir a psicanálise na política quando compreendeu a importância dos elementos inconscientes na direção e condução dos processos sociais e dos destinos da sociedade, impactando todas as escolhas que fazemos, as formas de educar, de trabalhar, de amar, de nos relacionarmos uns com os outros, de fazermos projetos para nós mesmos e para o mundo que nos rodeia. Reich sabia que não era neutro, que suas convicções filosóficas e políticas marcavam definitivamente seu pensamento e sua prática, problematizando verdades estabelecidas e desconstruindo saberes ao questionar antigas interpretações e soluções tradicionais, ele apostou que para haver uma verdadeira modificação na realidade social seria fundamental e indispensável que se transformassem os sujeitos que nela vivem. Cabe a todos escolher a sociedade em que queremos viver, e a cada um de nós trabalhar na direção de construí-la.

## Referências

Nitzschke, B. (1999). Psychoanalysis during National Socialism. Present-day consequences of a historical controversy in the “case” of Wilhelm Reich. *Psychoanalytic Review* 86.

Reich, W. (1983). *Materialismo Dialéctico e Psicanálise*. Lisboa. Editorial Presença.

\_ (1995). *Análise do Caráter*. São Paulo. Martins Fontes.

\_ (1972). *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo. Martins Fontes.